

ESTRATÉGIAS DE LEITURA II: LENDO POR GÊNEROS

1. INTRODUÇÃO



Na aula passada, conhecemos as definições de texto e leitura, além de termos aprendido técnicas eficazes de compreensão de texto. Um outro aspecto fundamental para essa habilidade é o conceito de gêneros textuais, que nos permite acessar os textos de maneira ainda mais aprofundada. Analisar um texto por meio dessa teoria permite que compreendamos aspectos como tema, estilo e construção composicional – fundamentais para a leitura eficiente.

2. GÊNEROS TEXTUAIS



A definição mais importante de gênero textual é a dada pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin

“cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominados gêneros do discurso”

O que ela diz, em outras palavras, é que gênero textual é a categoria que reúne textos que possuem características em comum relevantes para o cumprimento da sua função comunicativa, dentro de domínios específicos da atividade humana. Por exemplo, “receita” é o gênero textual que reúne textos que ensinam a cozinhar pratos, por meio da apresentação de itens e de passos de preparação. Podemos incluir as receitas dentro do domínio da culinária e da nutrição. Assim como “verbo de dicionário” é o gênero textual que reúne textos que oferecem definições de palavras, por meio de explicações e exemplos, que pode ser incluído no domínio da atividade humana dos estudos e da pesquisa. A definição bakhtiniana, portanto, considera os textos tanto nos seus aspectos formais, como nos sociais e pragmáticos. A forma como o filósofo russo definiu os gêneros é importante para nós por dois motivos principais. Primeiro, porque coloca em pauta o “campo de utilização da língua”, ou seja, para ele, estudar a língua, a linguagem e os textos não é possível sem considerar a situação em que os textos são produzidos, o que chamaremos daqui para frente de situação de produção ou situação de composição. Segundo, porque define que os gêneros do discurso são compostos por enunciados “relativamente estáveis”. Caso você pense, por exemplo, em diferentes receitas que você leu na sua vida, notará que apesar de muito parecidas, elas têm pequenas características que variam entre si, as tornando particulares, ainda que similares.

Os gêneros textuais, ou gêneros discursivos, são reconhecidos por nós pelo tema, pela composicional e pelo estilo. O tema não é o assunto específico ou meramente o conteúdo de um texto, mas todo o domínio de sentido abrangido pelo gênero. O sermão, enquanto gênero, por exemplo, possui como tema a transmissão de uma doutrina religiosa, enquanto um sermão em particular pode ter como assunto a necessidade de se seguir um preceito específico da religião. No gênero ata, o tema é o conteúdo de uma reunião ou encontro, e o assunto de uma ata específica pode ser a compra de equipamentos de ginástica por um condomínio. Dos aspectos do gênero, o tema é o mais importante, porque é o que orienta os demais. Pense, por exemplo, na diferença que há entre um bilhete e uma carta de recomendação. Enquanto o tema do primeiro são dados das relações cotidianas, geralmente domésticas, o que permite uma linguagem informal, o do segundo é a reputação de um candidato, o que exige linguagem formal e tom decoroso. O estilo de um gênero é composto pelos aspectos formais, ou escolhas linguísticas, como o léxico, a estrutura da frase e o registro linguístico. Ele é influenciado pelo tema, como é o caso das redações para o ENEM, que abordam temáticas sérias e, por isso, exigem vocabulário técnico, sintaxe elaborada e registro formal. A construção composicional, por sua vez, se refere à organização do texto, ou seja, à sua estrutura. Entende-se por meio desse critério a maneira pela qual se efetivam a coerência, a coesão e a progressão temática do texto.

Ao iniciarmos o aprendizado de um gênero textual específico, devemos nos atentar ao domínio da atividade humana ao qual ele pertence, ao tema que ele desenvolve, ao estilo típico utilizado na escrita de seus exemplares e à forma como os textos que dele fazem parte se organizam. Se tomarmos a Redação para o ENEM, por exemplo, veremos que ela pertence ao domínio da argumentação, que seu tema é variável, apesar de sempre sério e frequentemente polêmico, e que seu estilo e construção composicional seguem regras muito específicas (o que não é o caso de todos os gêneros).

Pensar os gêneros textuais, portanto, é pensar a relação entre a vida e a linguagem. É considerar as notícias, reportagens, entrevistas e artigos de opinião que lemos diariamente para nos informar; é ter em conta os verbetes de dicionário, os resumos, as fichas e os livros didáticos que lemos quando aprendemos; os romances, contos, histórias em quadrinhos, poemas e biografias que lemos para nos divertir; é, enfim, pensar a língua viva. Antes de definirmos as estratégias de leitura que utilizam a teoria dos gêneros textuais, vamos definir algumas características principais da classificação dos gêneros.

3. PROPÓSITO



Os textos são escritos por seus autores para atingir objetivos específicos junto a seus leitores, isto é, todo texto é escrito com um propósito. Uma bula de remédio tem como objetivo informar o usuário sobre as características do medicamento, seu modo de usar e suas contraindicações; em um artigo de opinião o autor busca apresentar um ponto de vista e defendê-lo com argumentos; uma propaganda busca vender um produto, ou seja, levar o leitor a executar uma ação específica. Sendo assim, é possível dizer que os propósitos dos textos de um mesmo gênero são muito parecidos e que conhecê-los de antemão permite uma leitura muito mais eficaz. Por exemplo, ao ler um verbete de enciclopédia, você deve estar atento às informações, já que fornecê-las é o objetivo do texto; ao ler um editorial, a atenção deve estar no ponto de vista e nos argumentos utilizados para defendê-lo, já que o texto busca validar uma opinião. Leve isso com você: todo texto quer fazer alguma coisa, e saber que coisa é essa irá te ajudá-lo muito na compreensão dele.

4. INTERLOCUÇÃO



Além de serem produzidos com objetivos específicos, os textos definem uma importante relação chamada interlocução, que denomina a interação que se estabelece entre autor e leitor. Ambos devem ser compreendidos como sujeitos que possuem identidades sociais específicas, que influem diretamente nos textos. Quem escreve deixa a marca do seu sistema de pensamento, ou ideologia, no texto que produz. Além disso, como sempre quer despertar a atenção do leitor, o autor elabora seu texto de acordo com o perfil do que imagina ser seu público em potencial. Imagine, por exemplo, que você é uma infectologista respeitadíssima e que irá fazer uma série de palestras sobre a importância da vacinação contra o coronavírus; uma delas será para alunos do Ensino Médio e outra para professores de uma faculdade de medicina. As duas palestras poderão ser iguais? Os tópicos abordados serão os mesmos? A linguagem será a mesma? Façamos outro exercício de imaginação: se a palestrante não fosse mais uma respeitadíssima infectologista, mas a viúva de uma pessoa negacionista que faleceu por complicações do covid, ainda teríamos uma palestra, ainda estaríamos falando sobre a importância da vacinação, mas a identidade não faria com que pontos importantes do texto fossem completamente diferentes?

Por causa da relevância da interlocução na construção dos sentidos, ao iniciarmos a leitura de um texto, é fundamental que saibamos quem o escreveu e quem ele tinha em mente como seu leitor em potencial quando o fez.

5. OUTRAS CARACTERÍSTICAS



Existem inúmeras características além da interlocução e do propósito que podem ser utilizadas para identificar um gênero textual. Esses traços podem ser formais, semânticos, textuais ou sociais. Nem todos possuem uma classificação rígida; nós, entretanto, como leitores, somos capazes de identificá-los ao nos depararmos com os exemplares dos gêneros. Sendo assim, é importante que, ao iniciar a leitura de um texto, você busque recuperar de sua experiência de leitor todas as características do gênero, pois elas o ajudarão a ter uma compreensão mais efetiva daquilo que está sendo lido

6. ESTRATÉGIAS DE LEITURA UTILIZANDO O CONCEITO DE GÊNERO TEXTUAL



Apresentamos aqui, por fim, instruções que devem ser somadas às do capítulo anterior para a leitura eficaz de textos.

- 1ª) Ao se deparar com o texto, busque identificar se ele possui alguma característica que permita, antes da leitura, associá-lo a um gênero textual específico. Caso a tarefa seja bem-sucedida, se esforce para lembrar todos os atributos do gênero em questão que possam ajudá-lo a ter uma compreensão mais profunda.
- 2ª) Antes de começar a leitura, já tendo noção do gênero ao qual o texto pertence, reflita sobre os propósitos dele. Enquanto estiver lendo, concentre-se na maneira pela qual ele terá seus objetivos alcançados. Ao fim, reflita se o texto foi bem ou malsucedido em sua tarefa.
- 3ª) Busque identificar a identidade do autor e do leitor, para com elas refletir sobre características do texto que possam ser associadas à interlocução.
- 4ª) Enquanto estiver lendo, atente-se às características formais do texto, que poderão, porventura, auxiliá-lo na compreensão de seus significados.

EXERCÍCIOS DE SALA

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O LEGADO FEMININO NAS OLIMPIADAS DE TÓQUIO

Definitivamente, as mulheres deixaram sua marca nas Olimpíadas de Tóquio, que se encerram neste domingo. Elas se destacaram desde a abertura dos Jogos, com a escolha da japonesa Naomi Osaka, uma tenista negra, para acender a pira olímpica, em uma edição com participação recorde de atletas femininas: 48,8% do total.

¹Essas atletas, das mais diferentes nacionalidades, não só encantaram o mundo com suas conquistas históricas e quebras de recordes, como também jogaram luz sobre as discriminações, preconceitos e o sexismo ao qual ainda hoje muitas delas são submetidas, seja no esporte ou em tantas outras áreas.

²GAROTAS DOURADAS

As atletas brasileiras, em especial, voltam para a casa podendo comemorar o maior número de pódios em uma única edição dos jogos, desde que a nadadora Maria Lenk entrou para a história nacional como a 1ª mulher brasileira a participar de uma Olimpíada em 1932.

Uma trajetória que começou com a dança da nossa 'Fadinha do Skate'? A maranhense Rayssa Leal, de apenas 13 anos de idade, a mais jovem atleta brasileira a subir no pódio olímpico até hoje. Garantiu a prata no 'skate street', uma das novas modalidades olímpicas que fizeram sua estreia em Tóquio.

Em seguida, veio Rebeca Andrade, 1ª ginasta brasileira a ganhar uma medalha olímpica. Na verdade, ela fez história em dose dupla: com 1 medalha de ouro no salto e outra prata no individual geral. O que lhe garantiu o merecido convite para ser a porta-bandeira do Brasil no encerramento dos Jogos de Tóquio.

Como ficar indiferente ao ouro olímpico de Ana Marcela Cunha na maratona aquática ou da dupla Martine Grael e Kahena Kunze, amigas de infância e, agora, bicampeãs olímpicas na classe 49er FX da vela?

Cabe ainda uma reverência à seleção feminina de vôlei, que conseguiu chegar à final, a despeito do baque sofrido com a perda de uma de suas principais jogadoras, flagrada em exame antidoping na reta final da disputa. Aplausos também à garra de Beatriz Ferreira na busca de um ouro inédito para o boxe feminino.

³Medalhistas essas que ajudaram o Brasil a ter, em Tóquio, o seu melhor desempenho em Olimpíadas, superando as 19 conquistadas no Rio de Janeiro em 2016.

Das 21 medalhas trazidas na bagagem de volta para casa, 9 foram conquistadas por elas, refletindo o equilíbrio entre homens e mulheres na composição da delegação brasileira que desembarcou este ano no Japão.

MUITO ALÉM DA PARIDADE

Mas a pauta levantada pelas atletas femininas desta edição olímpica foi muito além da bem-vinda paridade de gênero, que será adotada a partir dos Jogos de Paris em 2024.

A ginasta norte-americana Simone Biles, por exemplo, chegou ao Japão em busca de um recorde de 6 medalhas de ouro, o que a tornaria a atleta olímpica mais bem-sucedida de todos os tempos. Acabou voltando para os Estados Unidos com uma prata e um bronze, o suficiente para se consagrar como a mulher negra mais vitoriosa da história olímpica da ginástica artística.

Fora da arena olímpica, Biles ainda deflagrou o debate mundial sobre a saúde mental de atletas de alto rendimento. Isso, após ela abandonar parte das provas que disputaria e expor publicamente que estava lidando com *twisties*, uma espécie de bloqueio mental que desorienta atletas em movimentos que desafiam a gravidade.

PROTESTO CONTRA O SEXISMO

Já a equipe de ginastas da Alemanha marcou posição com a opção das atletas de usar macacões até o tornozelo em vez dos tradicionais *collants*, em protesto contra a sexualização da ginástica artística feminina.

⁴Um posicionamento político que reforça a discussão aberta, durante o último campeonato europeu de handebol, sobre como o sexismo se reflete no controle dos uniformes de atletas. Na ocasião, a equipe feminina da Noruega foi multada em 1,5 mil euros ao trocar o biquíni pelo short, permitido apenas para homens, na modalidade de praia.

MÃES OLÍMPICAS

A meio-fundista queniana Faith Kipyegon foi outra a fazer história em Tóquio, ao vencer a prova dos 1.500 metros feminino e bater o recorde olímpico que resistia desde os Jogos de Seul, em 1988. E de quebra, ainda deu uma resposta dourada àqueles que ela se afastou por 1 ano das pistas, em 2017, para ser mãe.

Um enredo parecido com o enfrentado por Allyson Felix, que conquistou sua 10ª medalha em Tóquio e se igualou a Carl Lewis como a maior medalhista olímpica do atletismo dos Estados Unidos. Ela já havia ultrapassado a marca do ex-velocista jamaicano Usain Bolt, em 2019, e se tornado a maior medalhista da história em Campeonatos Mundiais, apenas 10 meses após o nascimento da filha.

Aliás, quando engravidou da filha, Felix indignou-se quando seus patrocinadores propuseram a redução de 70% dos seus ganhos. Não só expôs publicamente a discriminação contra atletas grávidas e mães, como liderou uma campanha nos Estados Unidos, que aboliram contratos deste tipo no país. Fica assim a lição dessas maravilhosas mulheres olímpicas, que nos remetem a imagens incríveis como a protagonizada pela atleta holandesa Sifan Hassan, que caiu, se levantou e venceu uma eliminatória para a prova dos 1.500 m do atletismo feminino.

VASCONCELOS, ADRIANA. O LEGADO FEMININO NAS OLIMPIADAS DE TÓQUIO. Disponível em <https://www.poder360.com.br/opiniaio/olimpiada/o-legado-feminino-nas-olimpiadas-de-toquio-escreve-adriana-vasconcelos>. Acesso em 16 de agosto de 2021. (Texto adaptado.)

1. (UECE 2022) O texto caracteriza-se como gênero textual
 - a) crônica, porque narra a história de mulheres nas Olimpíadas de Tóquio.
 - b) artigo de opinião, porque apresenta dados e argumentos para convencer o leitor.
 - c) editorial, porque expressa a opinião em nome de um coletivo.
 - d) resenha, porque apresenta comentário a partir de uma obra.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A cobertura de gelo da Terra está encolhendo

¹A camada de gelo que cobre a Terra diminuiu, em média, 87 mil quilômetros quadrados (km²) por ano, de 1979 a 2016, possivelmente em decorrência das mudanças climáticas. A redução anual foi equivalente à da área do lago Superior, na fronteira entre o Canadá e os Estados Unidos. ²A estimativa resulta de análises da equipe do físico e geógrafo Xiaoqing Peng, da Universidade de Lanzhou, na China. O encolhimento ocorreu principalmente no Hemisfério Norte. A cobertura de gelo na região registrou uma perda anual média de 102 mil km². ³Essa diminuição foi ligeiramente compensada pelo aumento de 14 mil km² por ano na camada de gelo do Hemisfério Sul no mesmo período (Earth's Future, 16 de maio). Essa expansão se deu principalmente no gelo marinho no mar de Ross, ao redor da Antártica, devido a alterações no padrão de vento e correntes oceânicas. ⁴A cobertura de gelo da Terra é importante porque reflete a luz do Sol, ajudando a resfriar o planeta.

REVISTA PESQUISA FAPESP - AGOSTO DE 2021 | ANO 22, N. 306. Captado de <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-cobertura-de-gelo-da-terra-esta-encolhendo>. Acesso em 16 de agosto de 2021. (Texto adaptado.)

2. (UECE 2022) O gênero textual "notícia", pertencente à esfera jornalística, tem como objetivo divulgar temas da atualidade. Na notícia acima, retirada de uma revista de cunho científico, a linguagem utilizada
 - a) promove a comunicação do conhecimento para o maior número de leitores a partir de fontes comprovadas.
 - b) emprega termos avaliativos para ampliar a dimensão informativa do gênero notícia buscando a adesão do leitor.
 - c) utiliza verbos dicendi para isentar o enunciador de revelar o seu ponto de vista, embora presente parcialidade.
 - d) apresenta um relato em terceira pessoa para sustentar a credibilidade da informação.

3. (Enem PPL 2021)

Espaço e memória

O termo “Na minha casa...” é uma metáfora que guarda múltiplas acepções para o conjunto de pessoas, de adeptos, dos que creem nos orixás. Múltiplos deuses que a diáspora negra trouxe para o Brasil. Refere-se ao espaço onde as comunidades edificaram seus templos, referência de orgulho, aludindo ao patrimônio cultural de matriz africana, reelaborado em novo território.

O espaço é fundamental na constituição da história de um povo. Halbwachs (1941, p. 85), ao afirmar que “não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial”, aponta para a importância de aspecto tão significativo no desenvolvimento da vida social.

Lugar para onde está voltada a memória, onde aqueles que viveram a condição-limite de escravo podiam pensar-se como seres humanos, exercer essa humanidade e encontrar os elementos que lhes conferiam e garantam uma identidade religiosa diferenciada, com características próprias, que constitui um “patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África), afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso para sua transmissão e preservação” (SODRÉ, 1988, p. 50).

BARROS, J. F. P. Na minha casa. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

Na construção desse texto acadêmico, o autor se vale de estratégia argumentativa bastante comum a esse gênero textual, a intertextualidade, cujas marcas são

- a) aspas, que representam o questionamento parcial de um ponto de vista.
- b) citações de autores consagrados, que garantem a autoridade do argumento.
- c) construções sintáticas, que privilegiam a coordenação temporal de argumentos.
- d) comparações entre dois pontos de vista, que são antagônicos.
- e) parênteses, que representam uma digressão para as considerações do autor.

4. (ENEM 2019)



Disponível em: www.tecmundo.com.br. Acesso em: 10 dez. 2018 (adaptado).

O texto tem o formato de uma carta de jogo e apresenta dados a respeito de Marcelo Gleiser, premiado pesquisador brasileiro da atualidade. Essa apresentação subverte um gênero textual ao

- a) vincular áreas distintas do conhecimento.
- b) evidenciar a formação acadêmica do pesquisador.
- c) relacionar o universo lúdico a informações biográficas.
- d) especificar as contribuições mais conhecidas do pesquisador.
- e) destacar o nome do pesquisador e sua imagem no início do texto.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TRABALHO ESCRAVO É AINDA UMA REALIDADE NO BRASIL

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava.

Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

Adaptado.SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil. Disponível em: <<http://www.cartaeeducacao.com.br/aulas/fundamental-2/trabalho-escravo-e-ainda-uma-realidade-no-brasil/>>. Acesso: 19 mar. 2017.

5. **(G1 - IFPE)** Em relação ao gênero textual, é CORRETO afirmar que o texto é
- artigo de opinião, pois os autores se utilizam de um tema, a escravidão no Brasil contemporâneo, para defender o ponto de vista que têm acerca dessa problemática.
 - uma notícia, por expor um fato importante, a existência de escravidão no Brasil contemporâneo, indicando seus responsáveis, bem como outras informações necessárias, a exemplo de local, momento e modo como este ocorreu.
 - uma reportagem, por oferecer ao leitor informações sobre um tema, a escravidão contemporânea no Brasil, com extensão e profundidade que caracterizam esse gênero.
 - um texto instrucional, por apresentar as maneiras através das quais é possível evitar que pessoas se submetam ao trabalho escravo no Brasil.
 - um relato feito por pessoas que já vivenciaram uma situação de escravidão e narram a sequência desse acontecimento.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Despedida

Zélia Gattai

Sobre nossa casa, de Jorge e minha, na rua Alagoinhas, 33, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador da Bahia, muito já se disse, muito se cantou. Citada em prosa e verso, sobra-me, no entanto, ainda o que dela falar.

Fico pensando se alcançarei escrever todas as histórias, tantas, de gente e de bichos que nela passaram nesses quarenta anos lá vividos.

Neste momento, quando me despeço do lugar onde passei o melhor tempo de minha vida, ao deixar Jorge repousando sob a mangueira por nós plantada no jardim, mil lembranças afloram-me à cabeça. Lembro-me de coisas que para muitos podem parecer tolas, mas que para mim não são.

Lembro-me, por exemplo, de duas mimosas lagartixas que viviam atrás de um quadro de Di Cavalcanti, acima da televisão da sala, e que tanto nos divertiram. Um belo dia elas apareceram, sem mais nem menos: uma toda rosada, quase transparente; a outra com listras escuras em volta do corpo. Jorge foi logo escolhendo: 'A zebrinha é minha.' A mais bonita, pois, ficou sendo a dele. A outra, que jeito? De dona Zélia.

Recostados em nossas poltronas, após o jantar, para assistir aos noticiários de TV, vimos, pela primeira vez, as duas saírem de seu esconderijo, uma atrás da outra, direto para uma lâmpada acesa, no alto, reduto de mosquitos e de bichinhos atraídos pela luz.

– Elas agora vão jantar – disse Jorge.

Dito e feito: as duas se aproximaram docemente da claridade, estancaram a uma pequena distância da lâmpada e, imóveis, na moita, só observando. De repente, o bote fatal foi desfechado e lá se foi um dos insetos para o bucho da lagartixa de Jorge. Diante do perigo, quem era de voar voou, quem era de correr, correu, lá se foram os bichinhos, não sobrou um pra remédio, o campo ficou limpo.

Estáticas, as duas sabidas aguardaram pacientes a volta das vítimas, que, inocentes, aos poucos foram criando coragem e se chegando para, ainda uma vez, cair na boca do lobo. Ainda uma vez o lobo foi a zebrinha, que, como num passe de mágica, abocanhou um mosquito. Encantado, Jorge ria de se acabar, provocando-me: 'A tua não é de nada!' Eu protestei e ele riu mais ainda.

Brincadeira boba, inocente, passou a ser nosso divertimento durante muitas e muitas noites, muitas e muitas noites voltamos à nossa infância.

(Disponível em <http://bsp.org.br/2012/05/17/relembre-zelia-gattai/>. Acesso em 08 out. 2015.)



(Imagem disponível em <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2014/01/prefeitura-anuncia-que-vai-transformar-casa-de-jorge-amado-em-memorial.html>. Acesso em 08 out. 2015.)

6. (UNISINOS) Zélia Gattai, esposa de um dos maiores escritores brasileiros do século XX, Jorge Amado, foi, também, uma escritora exemplar, cujos textos retrataram o viés mais cotidiano da vida, iniciando pelo livro *Anarquistas graças a Deus*, no qual retrata sua infância na cidade de São Paulo, nos anos de 1920. Em 2016, comemorar-se-á seu centenário de nascimento. O texto acima é dedicado à casa em que ela e Jorge viveram os últimos anos de suas vidas, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, Bahia.

Assinale a alternativa que melhor caracteriza o gênero textual a que pertence o texto.

- O texto é um conto, pois podemos perceber claramente sua estrutura e sua breve extensão.
- Pode-se caracterizar o texto como um poema, já que apresenta lirismo e subjetividade.
- O texto pode ser considerado uma anedota, visto que se evidencia o aspecto cômico da narrativa.
- Pode-se denominar o texto como uma crônica, uma vez que se observa a passagem do tempo e a reminiscência de um fato corriqueiro.
- O texto se caracteriza como uma fábula, pois há a personificação das lagartixas que, inclusive, ganham nomes.

ESTUDO INDIVIDUALIZADO (E.I.)

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto 2

Pesquisadores detectam pela primeira vez microplásticos no sangue humano

¹Um estudo holandês relatou pela primeira vez, mas com uma amostra reduzida, a ²presença de ³microplásticos no sangue humano, ⁴descoberta que levanta dúvidas sobre uma eventual penetração dessas partículas nos órgãos.

Os autores do estudo, publicado nesta quinta-feira na Environment International, ⁵analysaram ⁶amostras de sangue de 22 doadores anônimos, todos voluntários com boa saúde, e ⁷encontraram microplásticos em 17 deles.

Metade das amostras continha vestígios de PET (polietileno tereftalato), um dos plásticos mais usados no mundo, principalmente na fabricação de garrafas e fibras de poliéster. Mais de um terço tinha poliestireno, usado, entre outras coisas, em embalagens de alimentos, e um quarto, polietileno.

“Pela primeira vez, conseguimos detectar e quantificar” esses microplásticos no sangue humano, declarou Dick Vethaak, ecotoxicologista da universidade livre de Amsterdã. “Isso prova que temos plástico em nosso corpo, e não deveríamos”, disse à AFP.

⁸De acordo com o estudo, os microplásticos detectados puderam entrar no corpo por múltiplas vias: aéreas, aquáticas ou por meio da comida ou de produtos de higiene e cosméticos. “É ⁹cientificamente provável que partículas de sangue possam ser transportadas para os órgãos através do sistema sanguíneo”, observaram os autores.

O estudo foi financiado pela Organização Holandesa para a Pesquisa e o Desenvolvimento em Saúde e pela Common Seas, ONG ambiental com sede no Reino Unido que busca reduzir a poluição por plástico.

¹⁰Para Alice Horton, especialista em contaminantes ¹¹antropogênicos do ¹²centro britânico de ¹³oceanografia, “apesar da pequena amostra e das baixas concentrações detectadas”, os métodos analíticos do estudo são “muito robustos”. ¹⁴“Este estudo ajuda a mostrar que as partículas de plástico não estão presentes apenas no meio ambiente, mas também em nossos corpos. ¹⁵As consequências a longo prazo ainda não são bem conhecidas”, disse ao Science Media Center.

Disponível em: <https://www.opovo.com.br/> Acesso em 25 de março de 2022.

1. (UECE 2022) O gênero textual do texto configura-se como
 - a) artigo de opinião, porque o autor traz argumentos sobre um assunto.
 - b) editorial, porque documenta memórias ou vivências sobre um assunto.
 - c) notícia, porque apresenta os fatos sobre um assunto.
 - d) súmula, porque trata a linguagem subjetivamente.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As mulheres negras e a ciência no Brasil: “E eu, não sou uma cientista?”

O título deste texto é uma adaptação do emblemático discurso da militante negra ex-escravizada Sojourner Truth em 1851, numa conferência feminista em Ohio, Estados Unidos. Neste antológico discurso, Sojourner problematizava a opressão das mulheres negras nos Estados Unidos, buscando explicitar os graus de desumanização dessas mulheres a ponto de não lhes serem conferidas as características socialmente construídas do gênero feminino.

Mas o que que um discurso do século XIX de uma feminista negra ex-escravizada estadunidense tem a ver com o histórico das cientistas negras brasileiras? Acontece que cientistas negras são mulheres que estão imersas nos segregadores processos de subjugação racial que o racismo estrutural nos impõe em qualquer lugar do mundo. Mulheres negras, assim como todas as pessoas oriundas do processo diaspórico de escravização brasileira, só tiveram a sua liberdade legal a partir de 1888, quando a pressão exercida secularmente pelo movimento quilombola articulada à necessidade de expansão mercantil do capitalismo inglês intensificaram o movimento abolicionista no Brasil, o último país da América Latina a abolir a escravatura.

Nesse sentido, cabe refletirmos: tendo o Brasil abolido a escravidão no final do século XIX, é plausível imaginarmos que pessoas negras brasileiras tiveram um processo tardio de acesso a direitos sociais tais como educação, saúde e moradia, dentre outros. Assim sendo, a universidade brasileira, que teve a sua fundação com a Escola Baiana de Medicina em 1808, foi por muito tempo uma instituição branca, criada no contexto da escravização para suprir as necessidades de uma elite intelectual branca colonizadora e imperialista.

¹Pouquíssimas pessoas negras tiveram acesso à escolarização básica, quem dirá àquela de nível superior. ²No contexto da primeira metade do século XX, enquanto mulheres brancas lutavam pelos direitos sufragistas e de trabalharem fora de casa, mulheres negras trabalhavam nas casas destas tomando conta dos seus filhos e filhas, lavando roupa, sendo empregadas domésticas; sustentavam famílias vendendo quitutes nos tabuleiros... em um presente bem distante de um

futuro emancipado academicamente. Nesses termos, mesmo sabendo dos processos de alterização negativa que mulheres em geral sofrem na sociedade, há um descompasso histórico entre a ausência de privilégios das mulheres brancas comparadas às mulheres negras que se perpetuam até os dias de hoje mesmo com todos os direitos alcançados nos últimos anos como a PEC das domésticas, como as cotas raciais, como os programas de combate à miséria no Brasil.

Infelizmente, essa é uma realidade que persiste aos dias atuais, mesmo com os avanços dos últimos anos. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, apenas 10,4% das mulheres negras com idade entre 25 a 44 anos concluem o ensino superior. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o percentual de mulheres negras (pretas e pardas) doutoras professoras de programa de pós-graduação é inferior a 3%. Segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) em 2015 apenas 7% das bolsas de produtividade são destinadas a mulheres negras.

³A marginalidade supracitada no ambiente científico não versa sobre a baixa capacidade intelectual de mulheres negras, nem tampouco sobre uma ausência de propensão genética de mulheres negras à produção epistêmica, mas sim sobre um brutal processo social de produção e reprodução de padrões de subalternidade cognitivamente e materialmente a nós impostos.

Nos contaram acerca de uma história de inferioridade programada da população negra no mundo nos últimos quatro séculos e “esqueceram” de nos contar sobre os milênios de pioneirismo intelectual desses nossos e nossas ancestrais nas ciências, na matemática, na filosofia, no desenvolvimento da escrita, na arquitetura, na medicina etc. Nos ensinaram uma história negra que ontologicamente remonta à escravidão, entretanto “deixaram passar” informações relevantes, como o fato de a humanidade ter nascido em África – o verdadeiro velho mundo –; de uma mulher negra africana, Merit Ptah (2700 a.C), ser a primeira médica de que se tem conhecimento; como o fato de não conhecermos grandes impérios africanos como Axum, Meroé, Núbia, Núbia, Numídia, a Terra de Punt, o Império de Kush, o Império Ashanti e o Império de Gana, dentre outros.

Concluo informando que é preciso revisitarmos os porões da nossa história para darmos vez e voz a narrativas históricas invisibilizadas, que nos propiciarão uma descolonização dos padrões do que vem a ser ciência e do que vem a ser cientista. É preciso um olhar atento para a história para compreendermos os passos que nos conduziram até aqui e para termos sensibilidade e empatia com essas existências negadas e inferiorizadas.

Pinheiro, Bárbara Carine Soares. As mulheres negras e a ciência no Brasil: “e eu, não sou uma cientista?”. Disponível em <https://www.comciencia.br/as-mulheres-negras-e-ciencia-no-brasil-e-eu-nao-sou-uma-cientista/>. Acesso em 5 de abril de 2021. Texto adaptado.

2. (UECE 2021) Quanto ao gênero textual, o texto é classificado como
- artigo de opinião, porque nele há a defesa de um ponto de vista, de alguém ou de um grupo, por meio de argumentos.
 - crônica, porque nele há a narrativa de um acontecimento corriqueiro do cotidiano com personagens e um enredo.
 - notícia, porque nele há informações sobre acontecimentos e demonstra imparcialidade dos fatos.
 - relato, porque nele há uma narrativa de alguém discorrendo sobre a discriminação racial.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LEMBRANÇA

Lembro-me de que ele só usava camisas brancas. Era um velho limpo, e eu gostava dele por isso. Eu conhecia outros velhos, e eles não eram limpos. Além disso, eram chatos. Meu avô não era chato. Ele não incomodava ninguém. Nem os de casa ele incomodava. Ele quase não falava. Não pedia as coisas a ninguém. Nem uma travessa de comida na mesa ele gostava de pedir. Seus gestos eram firmes e suaves, e quando ele andava, não fazia barulho.

Ficava no quarto dos fundos, e havia sempre tanta gente e tanto movimento na casa, que às vezes até se esqueciam da existência dele. De tarde costumava sair para dar uma volta. Ia só até a praça da matriz, que era perto. Estava com setenta anos e dizia que suas pernas estavam ficando fracas. Levava-me sempre com ele. Conversávamos, mas não me lembro sobre o que conversávamos. Não era sobre muita coisa. Não era muita coisa a conversa. Mas isso não tinha importância. O que gostávamos era de estar juntos.

Lembro-me de que uma vez ele apontou para o céu e disse: “Olha”. Eu olhei. Era um bando de pombos, e nós ficamos muito tempo olhando. Depois ele voltou-se para mim e sorriu. Mas não disse nada. Outra vez eu corri até o fim da praça, e lá de longe olhei para trás. Nessa hora uma fâsca riscou o céu. O dia estava escuro, e uma ventania agitava as palmeiras. Ele estava sozinho no meio da praça, com os braços atrás e a cabeça branca erguida contra o céu. Então eu pensei que meu avô era maior que a tempestade.

Eu era pequeno, mas sabia que ele tinha vivido e sofrido muita coisa. Sabia que cedo ainda a mulher o abandonara. Sabia que ele tinha visto mais de um filho morrer. Que tinha sido pobre e depois rico e depois pobre de novo. Que durante sua vida uma porção de gente o havia traído e ofendido e logrado. Mas ele nunca falava disso. Nenhuma vez o vi falar disso. Nunca o vi queixar-se de qualquer coisa. Também nunca o vi falar mal de alguém. As pessoas diziam que ele era um velho muito distinto.

Nunca pude esquecer sua morte. Eu o vi, mas na hora não entendi tudo. Eu só vi o sangue. Tinha sangue por toda parte. O lençol estava vermelho. Tinha uma poça no chão. Tinha sangue até na parede. Nunca tinha visto tanto sangue. Nunca pensara que, uma pessoa se cortando, pudesse sair tanto sangue assim. Ele estava na cama e tinha uma faca enterrada no peito. Seu rosto eu não vi. Depois soube que ele tinha cortado os pulsos e aí cortado o pescoço e então enterrado a faca. Não sei como deu tempo de ele fazer isso tudo, mas o fato é que ele fez. Tudo isso. Como, eu não sei. Nem por quê.

No dia seguinte eu ainda tornei a ver sua camisa perto da lavanderia, e pensei que, mesmo que ela fosse lavada milhares de vezes, nunca mais poderia ficar branca.

Foi o único dia em que não o vi limpo. Se bem que sangue não fosse sujeira. Não era. Era diferente.

(Luiz Vilela. *Tarde da noite*. São Paulo: Ática, 4ª edição, 1988, pp.7-8.)

3. (FCMMG 2021) Com base em seu gênero textual, o texto de Luiz Vilela:

- desenvolve, consoante as características da tragédia, uma história centrada em forças do destino capaz de destruir o indivíduo.
- relata, por meio da técnica memorialística, diferentes aspectos que compõem a vida de um indivíduo em seu meio social.
- expõe, de forma fictícia e concisa, um drama humano, a partir do relato de um narrador, que é também personagem.
- dramatiza, através do uso exclusivo dos diálogos, um episódio da infância do protagonista.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Covid-19 é pauta de sessão na Assembleia Legislativa

O tema coronavírus foi pauta no começo desta tarde de terça-feira, 17, do Segundo Expediente na Assembleia Legislativa do Ceará. ¹Na ocasião, o Secretário da Saúde do Ceará, ²Carlos Roberto Martins Rodrigues Sobrinho (³Dr. Cabeto), apresentou e tirou dúvidas em relação às medidas adotadas pelo Governo do Ceará na prevenção à doença.

Para Dr. Cabeto, todos os setores da sociedade podem colaborar. É preciso que todos sejam proativos. “Não é momento de apontar defeitos. Cada um precisa fazer sua parte”, comentou.

Durante a manhã, o ⁴gestor participou de reunião com os prefeitos dos municípios e membros do Ministério Público do Estado na sede da Associação dos Municípios do Estado do Ceará (Aprece).

“A informação é muito importante e precisa ser repassada com qualidade. Temos que conduzir com serenidade”, lembrou o ⁵Secretário.

Disponível em <https://www.saude.ce.gov.br/2020/03/17/covid-19-e-pauta-de-sessao-na-assembleia-legislativa/>.

4. (UECE 2020) Quanto ao gênero textual, o texto é classificado como

- artigo de opinião, porque nele há a defesa explícita de pontos de vista, de alguém ou de um grupo, por meio de argumentos.
- entrevista, porque expõe intervenções de personagens na construção do texto.
- notícia, porque apresenta informações sobre acontecimentos, preservando imparcialidade no relato dos fatos.
- relato, porque trata da narrativa de deputados a respeito da experiência de suas funções e de suas rotinas.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Sinopse do filme Capitão América: Guerra Civil

Capitão América: Guerra Civil encontra Steve Rogers (Chris Evans) liderando o recém-formado time de Vingadores em seus esforços continuados para proteger a humanidade. Mas, depois que um novo incidente envolvendo os Vingadores resulta num dano colateral, a pressão política se levanta para instaurar um sistema de contagem liderado por um órgão governamental para supervisionar e dirigir a equipe.

O novo status quo divide os Vingadores, resultando em dois campos: um liderado por Steve Rogers e seu desejo de que os Vingadores permaneçam livres para defender a humanidade sem a interferência do governo; o outro seguindo a surpreendente decisão de Tony Stark (Robert Downey Jr.) em apoio à supervisão e contagem do governo.

Capitão América 3 tem direção dos irmãos Joe e Anthony Russo, produção de Kevin Feige e grande elenco formado por Scarlett Johansson (Viúva Negra), Sebastian Stan (Soldado Invernal), Anthony Mackie (Falcão), Emily Van Camp (Agente 13), Don Cheadle (Máquina de Combate), Jeremy Renner (Gavião Arqueiro), Chadwick Boseman (Pantera Negra), Paul Bettany (Visão), Elizabeth Olsen (Feiticeira Escarlata), Paul Rudd (Homem-Formiga), Frank Grillo (Ossos Cruzados), William Hurt (General Thunderbolt) e Daniel Brühl (Barão Zenom).

Disponível em: <http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-118069/>. Acesso em: 02.11.2018.

5. (UECE 2019) Tendo como base a sinopse acima, é correto afirmar que este gênero textual apresenta muitas semelhanças temáticas e estruturais com

- a resenha crítica, se se considerar que o objetivo principal é retratar a opinião e a visão pessoal do autor do texto sobre o que está sendo relatado na produção cinematográfica.
- o gênero resumo, porque se caracteriza como um texto escrito de forma breve e clara, destacando-se o que é essencial e mais importante para o leitor sobre a obra resumida.

- c) a crônica, tendo em vista que a função textual é relatar, de forma concisa, fatos do cotidiano, como o de se saber antecipadamente o final da história da trama, antes de ir ao lançamento de um filme, de tal maneira que já se dissipe a expectativa da descoberta dos acontecimentos sobre o desfecho da história.
- d) o artigo de opinião, pois é uma espécie de exposição crítica demorada do autor do texto sobre o objeto-filme analisado.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ayoluwa, a alegria do nosso povo

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava. Os nossos dias passavam como um café ¹sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza minguava e nos confundia. Ora aparecia um sol ²desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela ³desfeita. Ora gotejava uma chuva de ⁴pinguinhos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos.

Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se ⁶reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram. Dentre eles, me lembro de vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros. Todos estavam ⁷enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de inventar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembavam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações. E pediam veementemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser as nossas tristezas?

E até eles, os moços, começaram a se encafiar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes que pudesse existir outra vida senão aquela, para viverem. As mães, dias e noites, choravam no centro do povoado. A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos.

O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver. Tinham percebido na escassez dos partos, que suas mãos não tinham mais a serventia de aparar a vida. Nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes. E os pequenos, os que já existiam, como Mandisa, a doce, Kizzl, a que veio para ficar, Zola, a produtiva, Nyame, o criador, Lutalo, o guerreiro, Bwerani, o bem-vindo, e os bem novinhos, alguns sem palavras ainda na boca, só faziam chorar. Pranto em vão, já que os pais, entregues às suas próprias tristezas, desprezavam as de seus rebentos. O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar ...

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho.

A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer.

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual de nas-

cimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. ⁸Tomamos novamente a vida com as nossas mãos.

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria do nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

6. **(G1 - IFCE 2019)** Conto é um gênero textual que utiliza a estrutura da narrativa e possui características próprias que o diferenciam de outros gêneros. Sendo assim, pode-se dizer que Ayoluwa, a alegria do nosso povo é um conto porque é um(a)
- a) narrativa breve, cujo objetivo é tecer comentários sobre acontecimentos cotidianos, apresentando a visão pessoal do autor sobre determinado fato do dia a dia.
 - b) obra que se assemelha ao romance por seu dinamismo, considerando a presença de vários personagens que atuam em variados núcleos narrativos.
 - c) texto de curta extensão, se comparado a outros gêneros como a novela ou o romance, e possui apenas um clímax.
 - d) coletânea dividida em episódios contínuos e sem interrupções, cujo objetivo é construir uma história que simbolize a luta de um povo.
 - e) narrativa longa, apresentando personagens variados que se envolvem tanto no conflito principal quanto em histórias paralelas a ele.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de 'soft power' do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do ¹fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de marketing e um golpe de 'soft power' do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias France Presse e do ²comentarista da GloboNews, Marcelo Lins.

Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento da cláusula de rescisão no valor de € 222 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere, ³especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP, o anúncio da transferência do jogador ao PSG, ⁴que é de um fundo de investimentos do Catar, "foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo".

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews, ⁵afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. "Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo... você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande", ⁶disse à GloboNews. "É uma grande jogada de marketing do Catar como um todo", acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em 'soft power'. O conceito de 'soft power' (⁸'poder suave', em tradução livre) foi elaborado para definir a influência de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

"Esse é um golpe de 'soft power'. ⁹O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio", ¹⁰disse à AFP Andreas Krieg, ¹¹analista de risco político no King's College de Londres. "Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda", acrescentou.

O custo da transferência de Neymar "envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita", disse Krieg. "Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço". [...]

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/transferenciade-neymar-ao-psg-e-golpe-de-soft-power-docatar-a-paises-do-golfo-dizem-especialistas.ghtml>

7. **(UECE)** A notícia é tomada como um gênero textual da esfera jornalística que tem como objetivo divulgar temas da atualidade de maneira imparcial. Na notícia acima, este objetivo é alcançado pelo enunciador por meio de alguns recursos linguísticos textuais, EXCETO pelo(a)
- a) uso predominante do discurso direto como forma de o enunciador atribuir a outrem as informações divulgadas.
 - b) presença de elementos linguísticos avaliativos, como o termo "fenômeno" (referência 1), que amplia a dimensão informativa do gênero notícia.
 - c) emprego de verbos dicendi, como "afirmou" (referência 5) e "disse" (referências 6 e 10), para isentar o enunciador de revelar o seu ponto de vista.

d) presença do relato em terceira pessoa, o qual busca um distanciamento em relação ao fato, o que constrói a ideia da objetividade, de forma a sustentar a credibilidade da informação.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Ora pois, uma língua bem brasileira

A possibilidade de ser simples, dispensar elementos gramaticais teoricamente essenciais e responder “sim, comprei”, quando alguém pergunta “você comprou o carro?”, é uma das características que conferem flexibilidade e identidade ao português brasileiro. A análise de documentos antigos e de entrevistas de campo ao longo dos últimos 30 anos está mostrando que o português brasileiro já pode ser considerado único, diferente do português europeu, do mesmo modo que o inglês americano é distinto do inglês britânico. O português brasileiro ainda não é, porém, uma língua autônoma: talvez seja – na previsão de especialistas, em cerca de 200 anos – quando acumular peculiaridades que nos impeçam de entender inteiramente o que um nativo de Portugal diz.

A expansão do português no Brasil, as variações regionais com suas possíveis explicações, que fazem o urubu de São Paulo ser chamado de corvo no Sul do país, e as raízes das inovações da linguagem estão emergindo por meio do trabalho de cerca de 200 linguistas. De acordo com estudos da Universidade de São Paulo (USP), uma inovação do português brasileiro, por enquanto sem equivalente em Portugal, é o R caipira, às vezes tão intenso que parece valer por dois ou três, como em porrta ou carrne.

Associar o R caipira apenas ao interior paulista, porém, é uma imprecisão geográfica e histórica, embora o R desavergonhado tenha sido uma das marcas do estilo matuto do ator Amácio Mazzaropi em seus 32 filmes, produzidos de 1952 a 1980. Seguindo as rotas dos bandeirantes paulistas em busca de ouro, os linguistas encontraram o R supostamente típico de São Paulo em cidades de Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e oeste de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, formando um modo de falar similar ao português do século XVIII. Quem tiver paciência e ouvido apurado poderá encontrar também na região central do Brasil – e em cidades do litoral – o S chiado, uma característica hoje típica do falar carioca que veio com os portugueses em 1808 e era um sinal de prestígio por representar o falar da Corte. Mesmo os portugueses não eram originais: os especialistas argumentam que o S chiado, que faz da esquina uma shquina, veio dos nobres franceses, que os portugueses admiravam. [...]

Os documentos antigos evidenciam que o português falado no Brasil começou a se diferenciar do europeu há pelo menos quatro séculos. Uma indicação dessa separação é o Memórias para a história da capitania de São Vicente, de 1793, escrito por frei Gaspar da Madre de Deus, nascido em São Vicente, e depois reescrito pelo português Marcelino

Pereira Cleto, que foi juiz em Santos. Comparando as duas versões, José Simões, da USP, encontrou 30 diferenças entre o português brasileiro e o europeu. Uma delas é encontrada ainda hoje: como usuários do português brasileiro, preferimos explicitar os sujeitos das frases, como em “o rapaz me vendeu o carro, depois ele saiu correndo e ao atravessar a rua ele foi atropelado”. Em português europeu, seria mais natural omitir o sujeito, já definido pelo tempo verbal – “o rapaz vendeu-me o carro, depois saiu a correr...” –, resultando em uma construção gramaticalmente impecável, embora nos soe um pouco estranha.

Um morador de Portugal, se lhe perguntarem se comprou um carro, responderá com naturalidade “sim, comprei-o”, explicitando o complemento do verbo, “mesmo entre falantes pouco escolarizados”, observa Simões. Ele nota que os portugueses usam mesóclise – “dar-lhe-ei um carro, com certeza!” –, que soaria pernóstica no Brasil. Outra diferença é a distância entre a língua falada e a escrita no Brasil. Ninguém fala muito, mas muito. O pronome você, que já é uma redução de vossa mercê e de vosmecê, encolheu ainda mais, para cê, e grudou no verbo: cevai?

“A língua que falamos não é a que escrevemos”, diz Simões, com base em exemplos como esses. “O português escrito e o falado em Portugal são mais próximos, embora também existam diferenças regionais.” Simões complementa as análises textuais com suas andanças por Portugal. “Há 10 anos meus parentes de Portugal diziam que não entendiam o que eu dizia”, ele observa. “Hoje, provavelmente por causa da influência das novelas brasileiras na televisão, dizem que já estou falando um português mais correto”.

“Conservamos o ritmo da fala, enquanto os europeus começaram a falar mais rápido a partir do século XVIII”, observa Ataliba Castilho, professor emérito da USP, que, nos últimos 40 anos, planejou e coordenou vários projetos de pesquisa sobre o português falado e a história do português do Brasil. “Até o século XVI”, diz ele, “o português brasileiro e o europeu eram como o espanhol, com um corte silábico duro. A palavra falada era muito próxima da escrita”. Célia Lopes acrescenta outra diferença: o português brasileiro conserva a maioria das vogais, enquanto os europeus em geral as omitem, ressaltando as consoantes, e diriam ‘tulfón’ para se referir ao telefone.

Há também muitas palavras com sentidos diferentes de um lado e de outro do Atlântico. Os estudantes das universidades privadas não pagam mensalidade, mas propina. Bolseiro é bolseiro. Como os europeus não adotaram algumas palavras usadas no Brasil, a exemplo de bunda, de origem africana, podem surgir situações embaraçosas. Vanderci Aguilera, professora sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL), levou uma amiga portuguesa a uma loja. Para ver se um vestido que acabava de experimentar caía bem às costas, a amiga lhe perguntou: “O que achas do meu rabo?”.

FIORAVANTI, Carlos. In: Revista Pesquisa FAPESP, ed. 2030, abr. 2015. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/04/08/ora-pois-uma-lingua-bem-brasileira/>>. Acesso em: 01 ago. 2015. (Texto adaptado).

8. (PUCMG) Do ponto de vista dos elementos composicionais e formais que caracterizam o gênero textual utilizado, constitui uma marca linguística do texto
- o uso de linguagem técnica, em consonância com a natureza científica da enunciação.
 - a explicitação da interlocução com o leitor, em razão da interação estipulada pelo autor.
 - a adoção de um discurso impessoal, em função da neutralidade da pesquisa acadêmica.
 - o emprego da língua padrão, em conformidade com a situação de comunicação prevista.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Aprenda a chamar a polícia...

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando ¹sorratamente no quintal de casa.

Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um ladrão ali, ²espiondo tranquilamente. Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço. ³Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. ⁴Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível. Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma: — Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. ⁵O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo. Eles prenderam o ladrão em ⁶flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia. ⁷No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse: — Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão. Eu respondi: — Pensei que tivesse dito que não havia ninguém ⁸disponível.

Luís Fernando Veríssimo

Fonte: <http://pensador.uol.com.br>. Acessado em 21 Set. 2013.

9. (G1 - IFAL) Com relação ao gênero textual, podemos afirmar que o texto
- é um conto, porque tem como intenção comunicativa informar um fato verídico que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro.
 - é uma crônica, porque relata um fato do cotidiano.
 - é um romance, porque as ações têm locais bem definidos, como uma casa.

- é uma reportagem jornalística, porque o público alvo são leitores de jornais.
- é uma piada, porque tem como objetivo provocar riso no leitor através de metáforas.

10. (ENEM 2022)

Ela era linda. Gostava de dançar, fazia teatro em São Paulo e sonhava ser atriz em Hollywood. Tinha 13 anos quando ganhou uma câmera de vídeo – e uma irmã. As duas se tornaram suas companheiras de experimentações. Adolescente, Elena vivia a criar filminhos e se empenhava em dirigir a pequena Petra nas cenas que inventava. Era exigente com a irmã. E acreditava no potencial da menina para satisfazer seus arroubos de diretora precoce. Por cinco anos, integrou algumas das melhores companhias paulistanas de teatro e participou de preleções para filmes e trabalhos na TV. Nunca foi chamada. No início de 1990, Elena tinha 20 anos quando se mudou para Nova York para cursar artes cênicas e batalhar uma chance no mercado americano. Deslocada, ansiosa, frustrada após alguns testes de elenco malsucedidos, decepcionada com a ausência de reconhecimento e vitimada por uma depressão que se agravava com a falta de perspectivas, Elena pôs fim à vida no segundo semestre. Petra tinha 7 anos. Vinte anos depois, é ela, a irmã caçula, que volta a Nova York para percorrer os últimos passos da irmã, vasculhar seus arquivos e transformar suas memórias em imagem e poesia.

Elena é um filme sobre a irmã que parte e sobre a irmã que fica. É um filme sobre a busca, a perda, a saudade, mas também sobre o encontro, o legado, a memória. Um filme sobre a Elena de Petra e sobre a Petra de Elena, sobre o que ficou de uma na outra e, essencialmente, um filme sobre a delicadeza.

VANUCHI, C. Época, 19 out. 2012 (adaptado).

O texto é exemplar de um gênero discursivo que cumpre a função social de

- narrar, por meio de imagem e poesia, cenas da vida das irmãs Petra e Elena.
- descrever, por meio das memórias de Petra, a separação de duas irmãs.
- sintetizar, por meio das principais cenas do filme, a história de Elena.
- lançar, por meio da história de vida do autor, um filme autobiográfico.
- avaliar, por meio de análise crítica, o filme em referência.

GABARITO (E.I.)

- | | | | | |
|------|------|------|------|-------|
| 1. C | 2. A | 3. C | 4. C | 5. B |
| 6. C | 7. B | 8. D | 9. B | 10. E |